

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

LUIZ EDUARDO VIEIRA DA SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DOS JOGOS COOPERATIVOS E ESPORTES COLETIVOS
PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS E PEDAGÓGICAS
EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Maceió
2020

LUIZ EDUARDO VIEIRA DA SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DOS JOGOS COOPERATIVOS E ESPORTES COLETIVOS
PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS E PEDAGÓGICAS
EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Artigo científico apresentado ao colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para a obtenção de nota final do trabalho de conclusão de curso (TCC).

Orientador (a): Profa. Dra. Maria Dolores Fortes Alves

Maceió
2020

LUIZ EDUARDO VIEIRA DA SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DOS JOGOS COOPERATIVOS E ESPORTES COLETIVOS
PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS E PEDAGÓGICAS EM
CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 27/11/2020.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Dolores de Fortes Alves (CEDU/UFAL)

Comissão Examinadora



Profa. Dra. Maria Dolores de Fortes Alves (CEDU/UFAL)



Profa. Dra. Elisangela Leal de Oliveira Mercado (CEDU/UFAL)



Profa. Dra. Abdizia Maria Alves Barros (CEDU/UFAL)

CONTRIBUIÇÕES DOS JOGOS COOPERATIVOS E ESPORTES COLETIVOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS E PEDAGÓGICAS EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Luiz Eduardo Vieira da Silva
luiz.eeduardo@hotmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Maria Dolores Fortes
Alves

mdefortes@gmail.com

RESUMO

Neste artigo que teve como objetivo investigar como os esportes coletivos e jogos cooperativos podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades sociais e pedagógicas em crianças com Transtorno do Espectro Autista, apresento questionamentos de como os jogos cooperativos e esportes coletivos podem ser estratégias a serem utilizadas para estimular o desenvolvimento dessas crianças. Em uma metodologia qualitativa de caráter bibliográfico (GODOY, 1995), utilizou-se os estudos de pensadores clássicos como Vygotsky (1993; 2004), Piaget (1970), bem como, pensadores contemporâneos, a exemplo de Gadia *et al* (2004) Cunha (2017; 2018; 2019), Alves (2009; 2016), que por meio de suas pesquisas abordam a temática discutida nesta pesquisa, e tentam fazer a diferença no modelo de Educação Inclusiva atual. Os resultados da pesquisa demonstraram que a socialização é uma das principais áreas de déficit em crianças como autismo, logo os professores podem ficar angustiados e confusos acerca de quais estratégias de ensino podem ser utilizadas para desenvolver as habilidades sociais das crianças, neste sentido, os resultados observados é que os jogos cooperativos e esportes coletivos podem estimular essa inserção no meio social, contribuindo para a sua comunicação e consequentemente em sua aprendizagem, já que sua autoestima e seu conhecimento como sujeito que pertence ao grupo vão favorecer no processo da aquisição pedagógica.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Aprendizagem. Desenvolvimento. Esportes. Inclusão.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo de minha carreira acadêmica na graduação, sempre precisei me adequar a rotina de trabalhar com crianças com necessidades específicas (em sua grande parte autistas) no período diurno, pois atuava principalmente na Educação Infantil e Fundamental I. Durante o processo pude conhecer um pouco mais a realidade de cada criança para que pudesse estimular o seu desenvolvimento. Percebi que as brincadeiras mais comuns no cotidiano das crianças

podem servir de instrumento para favorecer o seu desenvolvimento e inclusão no ambiente escolar. Acredito que o mesmo se dava a partir dos jogos cooperativos e esportes coletivos proporcionados nos momentos da aula de Educação Física.

Com a hipótese de que essas atividades quando bem instruídas e adaptadas para a realidade de cada criança podem favorecer o engrandecimento de habilidades sociais e pedagógicas em crianças com autismo, comecei a me questionar como os jogos cooperativos e esportes coletivos podem favorecer neste desenvolvimento. Objeto de pesquisa este, que acabou dando origem a este trabalho de conclusão de curso.

Discutir e pesquisar sobre a Educação Especial e Inclusiva não era meu foco quando ingressei no curso de pedagogia no segundo semestre do ano de 2015. Na verdade, ser professor não era meu objetivo, mas cursar pedagogia foi uma oportunidade que surgiu e então decidi desfrutar dessa experiência.

No segundo período da graduação tive a oportunidade de realizar um estágio como assistente pedagógico de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), no Ensino Fundamental I, em uma escola privada na parte baixa da cidade de Maceió. Ao observar o desinteresse dos professores em desenvolver metodologias que atendessem as especificidades das crianças, percebi a necessidade de buscar conhecimento acerca da educação especial para incluir as crianças com TEA no ensino regular.

Durante as disciplinas de Fundamentos Psicopedagógicos da Educação no segundo período, e Educação Especial no quarto período, pude conhecer alguns teóricos que desenvolveram estudos acerca do desenvolvimento atípico e típico de forma mais ampla. A partir das leituras realizadas dos textos de Vygotsky (1989; 1993; 2004), Wallon (2007) e Piaget (1990; 1998) relacionei o que discutem os teóricos à diversas situações vividas no ambiente escolar referente ao processo educacional pensado para as crianças com necessidades educacionais especiais, que também englobava o autismo, além das terminologias, concepções, projetos e as ações, leis que defendem os direitos dessas crianças e a atuação dos profissionais da área.

Segundo Gadia *et al* (2004) dentro do Espectro Autista, existe uma enorme variedade de graus, sendo assim, não existe um autista igual. A metodologia ou ensino que foi útil para um, pode não ser para outro, desta maneira, é essencial a adaptação de um currículo que busque atender as necessidades do aluno. Conforme enfatizado por Gadia *et al* (2004) alguns teóricos costumam dividir este imenso espectro em três grupos: Leve (demandam de nenhuma/ pouca

ajuda para realizar suas atividades diárias), moderado (precisam de uma assistência moderada para atividades diárias), severo (necessário ajuda total e ter sempre alguém por perto para realizar as atividades diárias).

A adaptação de uma rotina relacionada ao ambiente escolar dispensaria instruções constantes do professor, possibilitando autonomia à criança. Sendo essa uma das propostas em que é possível compreender as dificuldades que o aluno com TEA enfrenta, sendo assim, podemos observar os avanços da criança a partir de sua adaptação perante a rotina escolar, convívio com as pessoas presentes no âmbito escolar e principalmente na relação entre o professor e os seus colegas de classe.

Embora a pesquisa esteja relacionada a crianças com autismo tenha despertado o meu interesse em desenvolver tal artigo, as práticas esportivas e jogos de participação mútua entre os participantes apresentam-se como ferramentas que podem contribuir para o desenvolvimento social desses sujeitos. Acreditamos que isso ocorra pois, se tratam de modalidades coletivas, bem como podem relacionar-se a questões voltadas para a educação especial, pois valoriza a confiança do sujeito, ajudando em seu desenvolvimento pedagógico.

Desde criança, sempre fui incentivado por meu pai e meus irmãos a acompanhar o futebol, sendo assim, construí um sentimento de afeto e apreço. Acompanho as partidas regularmente seja pela televisão ou frequentando o estádio de futebol, sempre que possível. Em uma dessas idas ao estádio, presenciei uma cena não tão comum em espaços públicos: um casal acompanhado por seu filho que estava com a identificação de autismo em sua bolsa e pulseira, estava presente no estádio, de certa forma, aquela imagem me chamou a atenção, já que as crianças pelas quais eu conhecia tinham uma sensibilidade auditiva e não suportariam aquele ambiente por muito tempo.

Ao conversar com o pai, ele relatou que quando se arrumava para ir ao estádio a própria criança também pedia para ir junto com ele. Segundo o pai, o ambiente fazia muito bem para a criança e que aquele era um dos poucos espaços em que seu filho realmente estava incluído. Perguntei como era sua relação com os amigos e os professores na escola, bem como seu desenvolvimento pedagógico, e ele contou que sua comunicação e a maneira de se relacionar se dava de forma tranquila, já que o grau era leve, mas que havia algumas dificuldades em relação a aprendizagem por conta das adaptações dos materiais, já que não atendia as necessidades individualizadas da criança e formação continuada dos professores. Acrescentou ainda que ao matriculá-lo em uma escola de futebol sua relação social e comunicação tem melhorado, e na escola tem se mantido mais concentrado e disposto a novas atividades.

As crianças com TEA podem ser beneficiadas através de diversas modalidades esportivas e atividades físicas, levando em consideração as aprendizagens sensório-motoras, socialização e comunicação. Podendo contribuir também para êxito na aprendizagem devido a melhora em sua motivação e confiança (MASSION, 2006).

Ao realizar a leitura do livro “Mentes únicas” (BRITES, 2019), pude refletir sobre a necessidade de explorar as habilidades de uma pessoa com autismo, impulsionando dessa forma o seu potencial. Logo, precisamos nos adequar a realidade da criança, para que em seguida, possamos ensinar o que é colocado como padrão nas escolas de ensino regular. Para chegar neste ponto, é preciso preencher algumas lacunas que se encontram com déficits e que são primordiais para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Os professores precisam estar atentos sobre essas demandas para atender esse público.

A importância da mediação do professor no processo de aprendizagem da criança com autismo no ambiente escolar, na concepção dos autores que explicam o quanto o papel do professor é importante diante das relações pessoais. Favorecendo o processo de aquisição dos conhecimentos de seus aprendizes, bem como suas relações com os outros integrantes do corpo escolar. Sendo essas ações essenciais para o melhor funcionamento cognitivo dessas crianças. Também é de suma importância recursos apropriados que auxiliem de maneira mais eficiente no plano de intervenção priorizando as especificidades de cada aluno (BRITES, 2019).

Conforme abordado por Ghedin e Franco (2011) que observam a educação como uma prática social do ser humano, processo inconclusivo que nasce da relação do homem com o mundo, história e a sua presente circunstância. Desta maneira, realizando uma abordagem crítica perante aqueles que engessam suas práticas pedagógicas, não levando em consideração as mudanças recorrentes na sociedade.

Entendendo a Educação como parte do processo histórico que vem acompanhando as modificações dos sujeitos e conseqüentemente da sociedade e contexto em que estão inseridos, além da capacidade de transformar as relações entre esses sujeitos. A melhor maneira é estudar este indivíduo em sua singularidade para estimular as suas potencialidades. Neste sentido, é imprescindível compreender e visualizar o indivíduo como parte de um contexto, porém, enfatizando a sua singularidade. Ainda sobre a ênfase de Ghedin e Franco (2011, p.40), é possível perceber que,

Cabe a ciência da educação reconhecer que, ao lado das características observáveis do fenômeno, existe um processo de transformação subjetivo, que não apenas modifica as representações dos envolvidos, mas também engendra uma ressignificação na interpretação do fenômeno vivido [...]

Buscando compreender como os esportes coletivos e os jogos cooperativos podem ser metodologias utilizadas para favorecer o desenvolvimento de uma criança com autismo, o objetivo central da pesquisa é: *refletir como os esportes coletivos e os jogos cooperativos podem favorecer a interação social e o desenvolvimento pedagógico de crianças com autismo*. Objetivo este que direciona objetivo específico da investigação, e que para compreender delimito como *objetivo específico*:

a) Apresentar contribuições de como os esportes coletivos e os jogos cooperativos podem contribuir para o desenvolvimento pedagógico de uma criança autista dentro da sala de aula;

Para a realização da presente pesquisa buscou-se compreender como os jogos cooperativos e esportes coletivos podem contribuir para o desenvolvimento social e pedagógico em crianças com autismo. Entendendo como essas contribuições podem ser importantes para o desenvolvimento das crianças em sala de aula e de como o corpo escolar junto com a família desempenham um papel singular durante esse processo.

Segundo relatador por Marconi e Lakatos (2002) a pesquisa bibliográfica compreende toda a produção literária referente ao tema que está sendo abordado. Desta maneira foram realizadas buscas em livros, teses, dissertações e leis que abarcam a temática abordada.

As literaturas enfatizadas no decorrer do processo foram de fundamental importância, visto que cada autor em sua área de conhecimento trazia conceitos específicos de como estimular e desenvolver crianças com autismo. “Cada nova pesquisa só pode ter significado universal como uma pequena adição aos trabalhos anteriores de outros pesquisadores” (ESPÍRITO SANTO, 1992, p.81).

O procedimento abordado no artigo trata-se de uma revisão de literatura pois nos remete a uma reflexão sobre o cenário como um todo, compreendendo o contexto e o que se é discutido (GIL, 2002). Interpretando os processos de desenvolvimento das crianças autistas quanto ao social e pedagógico, bem como os profissionais que assumem o papel de mediador das atividades em diferentes situações. Ressaltando que estamos postos ao estudo das relações que visam atender as necessidades da criança.

Delineando-se em uma abordagem qualitativa, pois busca estabelecer uma relação entre o sujeito e o objeto de pesquisa. Considerando os seus interesses e singularidades. De acordo com Godoy (1995),

Que a abordagem qualitativa, enquanto no exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques.

Na pesquisa qualitativa não existe uma verdade absoluta, que se reflete por meio de números ou estatísticas, sua análise acontece por meio da argumentação e lógica de ideias (GIL, 2002). O pesquisador ele é a principal referência da atividade, onde se é valorizado todo o percurso e não apenas o resultado, abrindo espaço para a interpretação dos fatos abordados.

Sendo assim buscamos autores renomados em sua área para alavancar as discussões propostas. Foram incluídos como referência autores clássicos e contemporâneos que tratam do desenvolvimento infantil e atípico, assim como sua inclusão no meio social e escolar. Autores nacionais e internacionais através de suas literaturas, artigos, teses, entre outros. Além de leis que buscam garantir o direito dessas crianças para o acesso à educação e contribuir com seu desenvolvimento.

Buscando compreender o que é o autismo e como ocorre o seu desenvolvimento, além dos meios de intervenção que podem proporcionar o seu desenvolvimento e aprendizagem, e como os esportes coletivos e cooperativos podem favorecer no processo de avanços sociais e pedagógicos. Foram elencados como aporte teórico os seguintes autores: Vygotsky (1993;2004), Piaget (1970; 1990; 1998), Piletti (1990), Nérici (1988), Cunha (2017; 2018; 2019), Alves (2009; 2016), Blockus (2007), Charke (2009), dentre outros. Citando ainda legislações como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) e a lei “Berenice Piana” (2012) que por meio de seus artigos e decretos buscam tratar da Educação Especial e dos direitos das crianças com autismo.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 IDENTIFICANDO O AUTISMO

De acordo com Gadia *et al* (2004) crianças com autismo geralmente nascem com o cognitivo afetado principalmente na interação social, comunicação e o comportamento. Embora as causas do autismo ainda sejam desconhecidas, temos ciência que este transtorno apresenta os sintomas nos primeiros anos de vida, e acompanha o indivíduo durante toda a sua vida. Conforme ressalta Cunha (2019, p.19),

O Transtorno do Espectro Autista manifesta-se nos primeiros anos de vida, proveniente de causas ainda desconhecidas, mas com grandes contribuições de fatores genéticos. Trata-se de uma síndrome tão complexa que pode haver diagnósticos médicos abarcando quadros comportamentais diferentes.

Podemos compreender que o autismo é um transtorno ainda inconclusivo e complexo causando um neurodesenvolvimento atípico nas relações sociais e comportamentais, apresentando diferentes graus de severidade, o que nos compete encarar cada autista perante suas singularidades e peculiaridades (GADIA *et al*, 2004).

Cunha (2019) considera de grande importância a interação social para o desenvolvimento humano, é notório que na criança com autismo esse processo acontece de forma gradativa, sendo um dos pontos que mais interferem no seu desenvolvimento. Nesse contexto, a relevância dos aspectos sociais da interação para o processo de aquisição da linguagem é indiscutível, tendo em vista que o desenvolvimento da comunicação é fundamentalmente interacional.

Gadia *et al* (2004) aborda que as dificuldades de comunicação podem intercalar no processo de aquisição, podendo os autistas serem verbais ou não, além de precariedade em compartilhar informações de contato visual, dificuldade de entendimento de gestos e linguagens simbólicas ou corporais. Algumas crianças suprem as suas necessidades apontando ou utilizando algum adulto para se obter o que deseja, ecolalia ou por meio de comportamentos diversos. (GADIA *et al*, 2004).

Ao se comunicar devemos estar cientes que devemos ter um olho sensível e diferente para aquela criança, como destacado,

Quando falamos do mundo autístico, reconhecemos as dificuldades na comunicação e na linguagem. É natural que alguns com a síndrome não se atentem para a necessidade social de expressar-se, mas isso não significa que não sejam sensíveis e não procurem comunicar-se por outra via: a via afetiva (CUNHA, 2019, p. 78).

A presença de estereotípias¹ e de movimento repetitivos e obsessivos podem estar presentes no cotidiano de uma criança com autismo (GADIA *et al*, 2004). Muitas utilizam deste mecanismo para autorregular e se desfazer das pressões externas que são submetidas a elas, como por exemplo ruídos sonoros e atividades complexas que foram realizadas (CUNHA, 2019).

Gadia *et al* (2004) nos diz que o apego as rotinas podem desencadear comportamentos inadequados, já que as crianças com autismo têm dificuldade com atrasos ou mudanças repentinas em suas atividades diárias. Entre outros exemplos a serem destacados, pode ser

¹ Comportamento caracterizado por ações repetitivas e ritualistas de grande interesse da criança que haja um objetivo ou finalidade (GADIA *et al*, 2004).

observado em geral sensibilidade sonora e ruídos, bem como comer o mesmo alimento dia após dia, organizar ou enfileirar brinquedos e objetos por cores e tamanhos (GADIA *et al*, 2004).

O diagnóstico de autismo costuma primeiramente causar uma mudança nos planos e na rotina da família (CUNHA, 2019). Muitas vezes o diagnóstico desconstrói uma idealização do (a) filho (a) perfeito (a), pois a insegurança costuma andar ao lado dos parentes no processo de aceitação da condição. Posteriormente, a família começa a olhar para a criança além do diagnóstico, começa a surgir um novo horizonte perpassando por profissionais capacitados que formam uma equipe multidisciplinar e promovem uma nova realidade para a vida da criança, superando obstáculos e alcançando objetivos vez após vez. Neste sentido,

Não se trata meramente de estipular tarefas isoladas e pedir para serem cumpridas com rigor e método, mas trata-se de uma concepção de aprendizagem que inclui desafios e superação, sempre com o intuito de propiciar a autonomia. A autonomia é uma conquista elementar no seio da escola (CUNHA, 2019, p. 57).

Conforme enfatizado por Gadia *et al* (2004) o diagnóstico de autismo deve ser elaborado com muito cuidado e requisitos bem precisos, através de uma abordagem com profissionais de diversas áreas com escalas que busquem se atentar a testes objetivos padronizados. Com o objetivo de submeter a criança a procedimentos eficazes e específicos que buscam preencher os déficits causados pelo transtorno.

2.2 AS CONTRIBUIÇÕES DOS JOGOS COOPERATIVOS E ESPORTES COLETIVOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM AUTISMO

De acordo com Massion (2006) o desenvolvimento da motricidade do ser humano, bem como a sua capacidade de se desenvolver socialmente ocorre desde o nascimento e perdura ao longo de sua trajetória terrestre. Quando criança, uma das principais maneiras de perceber o nosso corpo no espaço é através das brincadeiras, pois elas constituem de maneira bem significativa momentos que estimulam nossa interação social (CUNHA, 2018). Por meio das atividades adquiridas e da manipulação de objetos que estão presentes em nosso cotidiano, nos ajudam a elaborar o pensamento simbólico², pensamento este, comprometido em crianças com autismo.

² Processo de representação mental em que o indivíduo analisa um modelo concreto e formula estratégias para solucionar o problema (PIAGET, 1998).

As relações sociais estimuladas pelo exercício físico são de fundamental importância em nosso desenvolvimento cognitivo de maneira integrada, ou seja, maneira completa. Aprender a se movimentar no espaço e interpretar situações diárias é uma ótima forma de aprendizagem social e pedagógica (MASSION, 2006). De acordo com Cunha (2018, p.51),

[...] é necessário que cada aluno inspire-se em determinado ambiente cultural para constituir-se como pessoa. O seu desenvolvimento condiciona-se a essa influência. Quanto maior for a interação, maiores serão as possibilidades de aprendizagem.

Compreende-se que crianças com autismo apresentam grandes dificuldades de interação e socialização (GADIA *et al*, 2004). Conforme enfatizado no tópico anterior onde identificamos características marcantes do autismo, o que posteriormente pode influenciar em defasagem no desenvolvimento motor fino, refletindo na aprendizagem, como no comprometimento em segurar um lápis e realizar o movimento de escrita. Dessa forma, é relevante compreender que:

Para a coordenação global, poderão ser exploradas atividades lúdicas de educação Física que exercitem o equilíbrio, o manejo de objetos, com movimentos coordenados do corpo (CUNHA, 2018, p. 44).

Segundo Massion (2006) Os jogos em cooperação e as atividades esportivas e físicas podem trazer benefícios para crianças com autismo, pois a partir de suas conquistas, podem se sentir mais confiantes ao realizar atividades novas e complexas. As atividades esportivas podem desenvolver um melhor conhecimento do indivíduo perante o seu corpo e uma melhor relação com o ambiente externo. Favorecendo uma melhor interação social com seus colegas de equipe e uma melhor comunicação, seja verbal ou não-verbal. (MASSION, 2006).

2.3 JOGOS COOPERATIVOS E ESPORTES COLETIVOS

Conforme proposto por Orlick (1989), os jogos cooperativos são uma atividade física onde o objetivo principal se concentra na cooperação, diversão, envolvimento e aceitação, possuindo uma característica de mudar situações que retratem a exclusão e a seletividade.

Seria este o cenário ideal para a inclusão de crianças com autismo como uma maneira de integração, já que a partir da observação, iria modelar comportamentos semelhantes aos demais e participar de todo o processo do jogo. Nesta modalidade de jogo são preservadas novas formas de relacionamento, pois jogar com o outro, se torna melhor e mais interessante do que jogar contra o outro, denominando-se desta forma de adversário.

Como enfatiza Brotto (2001), as características dos jogos cooperativos são para superar os desafios em grupo e não para derrotar o oponente. O jogo se joga por prazer e diversão, os esforços coletivos e a colaboração de todos são necessários para a conquista coletiva.

Brotto (1999) indica a necessidade de haver uma mudança acerca de como os jogos são realizados, para que tenhamos um ambiente menos competitivo e de exclusão. Pautando-se somente nos interesses individuais ou de um determinado grupo, dessa forma, “caracterizando-os como um exercício de convivência fundamental para o desenvolvimento pessoal e para a transformação” (1999, p.3).

Em relação às reflexões envolvendo competição e cooperação, Brotto (1999) nos remete a interpretação de que a competição é um processo que desencadeia objetivos exclusivos e ações isoladas que submetem e colocam as equipes em oposição entre si, além de privilégios destinados para alguns participantes. Na cooperação os objetivos são mútuos, assim como seus interesses e benefícios distribuídos entre os integrantes do grupo.

Conforme ressalta Brotto (1999, p.77) os jogos cooperativos se caracterizam pelos:

[...] jogos de compartilhar, unir as pessoas, despertar coragem para assumir riscos com pouca preocupação com o fracasso e sucesso em si mesmos. Eles reforçam a confiança em si mesmo e nos outros e todos podem participar autenticamente, onde ganhar e perder são apenas referências para o contínuo aperfeiçoamento pessoal e coletivo.

Desta maneira os jogos cooperativos possuem um caráter de diversão, onde as gargalhadas dos integrantes fazem parte do desenvolvimento e envolvimento do corpo e da alma dos que participam da atividade, promovendo um ambiente saudável para a inclusão.

Segue abaixo alguns exemplos de jogos cooperativos e seus benefícios:

- Passar o bambolê – Estimula a coordenação motora, capacidade de concentração, habilidade de pensar e resolução de problemas;
- Nó humano - Cooperação entre si e forma espontânea do espaço físico;
- Cabo de guerra – Estimulam a força e rapidez do movimento de cooperação;
- Dança – Estimulam o controle do corpo e domínio do espaço físico;

Ao pesquisar teóricos que abrangem os esportes coletivos com a inserção de crianças com autismo em suas pesquisas verificou-se que poucos tratam desta temática. Alguns estudos realizados por Charke (2009) e Blockus (2007) considerem o futebol como uma modalidade esportiva que possa favorecer o desenvolvimento de crianças com autismo. Desde que em um ambiente que tenha como objetivo o desenvolvimento social e um ambiente que não seja de competição.

Os autores enfatizam que devido à complexidade do esporte, as crianças apresentaram dificuldade em se adaptar a dinâmica do jogo, mas que com o passar do tempo, o engajamento de alunos e professores puderam desenvolver habilidades de dribles, que se trata de conduzir a bola através dos cones que eram utilizados como obstáculos. Desta maneira, houve avanços significativos na área da comunicação e trabalho em grupo. Ressaltando ainda um maior engajamento entre a família das crianças que os apoiavam e acompanhavam durante a realização dos jogos e treinos.

Alguns outros esportes coletivos também podem fazer parte do processo de estimulação social e de comunicação, como o voleibol, handebol, queimado e futsal. Através das atividades cooperativas e esportivas as crianças com deficiência podem desenvolver sua autoestima e lidar de maneira mais adequada com frustrações e desafios ao longo de sua vida acadêmica e pessoal (MASSION, 2006).

2.4 PAPEL E FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

Considerando uma participação plena nas atividades escolares e a construção da aprendizagem nas crianças com autismo, que constituem a sala de aula, é possível inferir que o ambiente pode se tornar para os educadores, em sua maioria, um campo de desafios. Deverá ser pensado e desenvolvido um planejamento específico capaz de incluir aquela criança, buscando atender suas particularidades. Segundo Martins, Acosta e Machado (2016), os professores podem utilizar como uma estratégia de apoio para as famílias, a orientação dos pais em relação à escolarização do seu filho. Já que se sentem inseguros ao colocarem as crianças em uma escola de ensino regular e ao ter que aprender a lidar com a condição da criança, que ainda é novidade para muitos.

Conforme enfatizado por Cunha (2018) as estratégias de ensino devem ser realizadas com o objetivo de atender a demanda da criança, visando a participação da criança nas atividades realizadas. A adaptação de uma rotina relacionada com o ambiente escolar dispensaria instruções constantes do professor, possibilitando autonomia à criança. Sendo essa uma das propostas em que é necessário compreender as dificuldades que o aluno com autismo enfrenta. Analisar a necessidade de uma inclusão efetiva mediante trabalho conjunto para aceitação pela turma e desenvolvimento de suas capacidades, objetivando o seu melhor aproveitamento sócio cognitivo.

De acordo com Borba e Lima (2011), estabelecer essa relação entre a criança e professor é importante, e para que isso se dê de maneira mais precisa, são importantes o apoio e a

intervenção familiar que servirá de alicerce para esse período de escolarização. Realizando ações e dando sequência as práticas da escola de forma que haja um maior desempenho no desenvolvimento da criança.

Pensando numa proposta pedagógica para essas crianças, também é importante refletir sobre qual metodologia deve ser aplicada a estas, visando atingir de forma precisa suas potencialidades. Mencionado por Nascimento e Monteiro (2015) que é necessário compreendê-las para motivá-las. Estimular suas capacidades interativas em que será necessária uma reestruturação do ambiente escolar, que inclui o currículo escolar, o planejamento, espaço e as propostas pedagógicas para receber esse aluno com necessidades educacionais especiais e realizando a inclusão.

O ato de planejar é essencial para que os objetivos que foram traçados perante aquele indivíduo sejam alcançados com êxito, sem margem para algo inesperado, o que pode resultar em uma ansiedade desnecessária para os alunos atípicos. De acordo com Piletti (1990), “Planejar é estudar, nesse sentido estudar é assumir atitudes sérias diante de um problema, procurando pensar e refletir as melhores alternativas de ações possíveis para alcançar os objetivos que são determinados por certa realidade.”

Não é no imobilismo que o professor encontra soluções. Ele diz: “Eu amo meu aluno, isso basta.” Esquece, todavia, que o amor na Educação demanda esforço, pesquisa, busca, criatividade, estudo e prática pedagógica (CUNHA, 2017, p.102).

O planejamento das pessoas envolvidas no contexto das crianças com autismo deve ser fiscalizado pelos profissionais competentes da área, como um modelo de assegurar uma aprendizagem segura e eficiente. Revisando e estruturando conteúdos de acordo com as potencialidade e individualidades de cada aluno, promovendo um ensino com qualidade. De acordo com Nérici (1988),

[...] dar uma visão global e detalhada do ensino a ser levado a efeito em uma atividade, área de estudo ou disciplina; racionalizar as atividades docentes e discentes; tornar o ensino mais eficiente; tornar o ensino mais controlado; conduzir os educandos mais seguramente para os objetivos desejados; possibilitar um acompanhamento mais eficiente dos estudos dos educandos; evitar improvisações; entre outros.

O trecho acima possibilita uma visão mais acentuada sobre a preposição do ensino de uma maneira flexível e dialogada para que se possa ter e alcançar os objetivos e metodologia. Aplicada perante os estudantes que buscam a escola como uma possibilidade de começar a serem inseridos na sociedade e avançar dentro de suas possibilidades sociais e pedagógicas.

Sobre o processo de aprendizagem adquiridos pelas crianças atípicas, Vygotsky (1989) observou que todos somos seres cabíveis de aprendizagem, entretanto com ressalvas, conforme mostrado na citação abaixo:

As crianças com deficiência mental, por exemplo, podem demandar um ensino por mais tempo e procedimentos especiais, podem alcançar um nível menor de aprendizagem, porém, aprenderão o mesmo que todas as demais crianças e receberão a mesma preparação para a vida futura (Vygotsky, 1989, p.118).

Analisando a abordagem feita por Vygotsky (1989) podemos notar a importância do professor no processo de aprendizagem, pois ao conhecer seu aluno e realizar as adaptações necessárias, o aluno pode se desenvolver com as demais crianças. Adquirindo a mesma formação para os anos subsequentes. Com o apoio da família, os resultados poderão ser bem significativos, proporcionando uma aprendizagem integradora.

2.5 ESCOLA E FAMÍLIA

Em determinadas situações as famílias passam por momentos de dificuldades e incertezas, principalmente quanto ao futuro do seu filho. A escola ao receber uma criança com necessidade específica precisa também atender as necessidades de seus pais. Uma comunicação rotineira é de fundamental importância para que as casas dessas famílias sejam a extensão da escola e vice-versa. De acordo com Cunha (2019, p.36),

Um filho com necessidades especiais representa muito para a família. Representa cuidados, amor, educação e dedicação. Representa, ainda, grandes desafios, mas com grandes possibilidades de superação. Vê-se que, quanto mais a família é engajada nesse propósito, as possibilidades aparecem. Os avanços em distintos campos têm trazido grandes contribuições para a comunicação, a aprendizagem escolar e a socialização.

Muitas vezes as escolas tem uma cultura de somente convocar os pais para uma reunião (com exceção da reunião de pais) quando o aluno apresenta comportamentos inadequados ou um baixo rendimento escolar. O ideal seria que também acontecesse o contrário, quando a criança se desenvolve de uma maneira excelente, os pais também se sentiriam honrados em ouvir os elogios por parte dos professores. Motivar e encorajar ainda mais as suas crianças, sendo os reforçadores sociais no processo de ensino-aprendizagem.

Observamos no estudo de Charke (2009), em relação ao futebol, um envolvimento dos familiares durante a prática de jogos e treinos, o que deixa a criança mais confiante para

enfrentar desafios e seguras no processo de aprendizagem. O mesmo pode ocorrer dentro da sala de aula com elogios e observações positivas em relação as crianças.

Na visão de Piaget (1998), a educação tem o papel de construir e reconstruir a partir do conhecimento do próprio ser humano, ou seja, os sujeitos são peças fundamentais do ser social. A partir das relações que são fecundadas e realizadas pelas interações, o conhecimento começa a se expandir, gerando críticas e dúvidas a respeito de tudo aquilo que até então era visto como concreto. Algo inabalável, mas que aos poucos acaba sendo modelada e ganhando novos rumores, pois as relações são contínuas e se renovam constantemente.

As melhores aulas continuarão sendo letra morta se não se apoiarem sobre a própria experiência, assim como a inteligência das leis da física é impossível sem a manipulação de um material concreto. Quanto à experiência da solidariedade, é necessário que a criança a refaça por si mesma, pois as experiências dos outros – no terreno espiritual ainda mais que no terreno material – nunca instruíram ninguém e, por uma fatalidade da natureza humana, cada nova geração é convocada a reaprender o que os outros já tinham descoberto por conta própria (PIAGET, 1998, p. 66).

As relações sociais são importantes principalmente na primeira infância, pois será onde as crianças irão conjugar e formatizar os seus valores, trazendo consigo essas temáticas como discussões e abordagens. De acordo com a faixa etária irá fortalecer para um sistema educacional de valia muito importante tanto para aquelas que são típicas como para as atípicas.

2.6 ALUNO MEDIADOR: ENSINANDO A ENSINAR E APRENDENDO COM AS DIFERENÇAS

Cunha (2018) alerta sobre a necessidade de ao traçar o plano de ensino individualizado para as crianças que possuem necessidades específicas, devemos levar em consideração todo o corpo escolar que está inserido em sua rotina diária. Saber conviver, respeitar e estimular sempre que possível as suas potencialidades, é algo que sempre devemos ter em mente para proporcionar uma melhor qualidade de vida as crianças.

Dessa maneira, podemos instruir e capacitar os colegas de classe ou de equipe para atividades realizadas em sala de aula ou a realização de jogos cooperativos ou coletivos. Uma ótima maneira de incluir as crianças com necessidades específicas no contexto social relevante ao âmbito escolar.

De acordo com Ayvazo (2010), ao engajar os companheiros de turma nas atividades escolares em crianças com deficiência tem proporcionado uma ótima experiência e resultados como uma estratégia de inclusão nas escolas. Para que isso aconteça de forma adequada é

preciso que se tenha uma preparação com os envolvidos no processo de socialização. A criança capacitada como mediadora no processo de ensino e aprendizagem concebe instruções e orientações com o intuito das atividades serem realizadas de maneira adequada.

A partir desta troca de conhecimentos e experiências podemos ter certeza que o aluno mediador também é ensinado de uma forma bem significativa, já que ele aprende a se colocar no lugar de seu colega, desenvolve o espírito de empatia para a sua vida. Alves (2009) aborda que, “o humano somente se faz humano pelo olhar amoroso de outro humano.” Em uma sociedade marcada pela individualidade, a inclusão de uma criança com necessidades específicas pode proporcionar um ambiente afetivo para todos que convivem com esses sujeitos, despertando a amorosidade e o olhar coletivo perante as peculiaridades de cada indivíduo, sem levar em relação qual seja sua especificidade ou características.

Ainda sobre a perspectiva da atividade prática a ser enfatizado pelo aluno mediador, ele irá realizar a modelagem bem como fornece informações relevantes sobre a prática da atividade. Realizando a atividade e servindo de modelo para que a criança com necessidade específica consiga realizar de acordo com suas habilidades (AYVAZO, 2010).

Se possível, é interessante que seja feito um rodízio e que o maior número de colegas participe do processo de inclusão, para que a criança possa se sentir parte daquele espaço, incluída junto aos demais. Possibilitando um melhor desenvolvimento das suas habilidades sociais e pedagógicas, acompanhando a rotina da sala de maneira leve e prazerosa.

Quando as emoções dominantes do aluno são negativas, se o conteúdo da escola não o atrair, ele se tornará, mas insatisfeito. Entregar-se-á inevitavelmente a prostração. Os seus pensamentos procurarão para ele um lugar de refúgio. O próprio aluno será o idealizador desse lugar (CUNHA, 2017, p.45).

Ainda assim, a inclusão é um processo que se começa por todos com amor, com o coração, e quando você deixa seu espírito caminhar e transcrever o caminho que deve ser feito, inclusão é quando decidimos ser transformados constantemente pelo outro (ALVES, 2009). A inclusão acontece ao compreendermos que as individualidades de cada um, foram parte e completam um todo, feito um quebra-cabeça com infinitas peças que tendem a se encaixar de forma deslumbrante peça por peça.

2.7 LEI E INCLUSÃO: DESAFIO DIÁRIO

Embora já estabelecidas legislações que resguardem e contemplem o direito de pessoas com deficiência, os autistas não se enquadravam nessas condições. Devido aos avanços clínicos

e incidência de cada vez mais casos sendo diagnosticados ao longo dos anos, após diversas discussões, em 2012 o cenário ganhou um novo rumo, após a aprovação da Lei Federal N° 12.764, sancionada pela presidente da República Dilma Roussef em 27 de dezembro. A lei busca instituir a proteção e garantir uma melhor condição de vida para todos aqueles que se encontram no espectro autista.

Para uma melhor compreensão e entendimento sobre a aprovação da “Lei Berenice Piana”, como a mesma ficou nacionalmente conhecida, segue abaixo os seus artigos e incisos que de forma resumida, tentam atender a necessidade de pessoas com autismo:

Art. 1° Esta lei institui a Política nacional de Proteção dos Direitos da pessoa com Transtorno do Espectro Autista e estabelece as diretrizes para sua consecução.

§ 2° A pessoa com Transtorno do Espectro Autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais.

Art. 2° São diretrizes da Política nacional de proteção dos Direitos da pessoa com Transtorno do Espectro Autista:

VII – O incentivo à formação e à capacitação dos profissionais especializados no atendimento à pessoa com Transtorno do Espectro Autista, bem como a pais e responsáveis;

Art. 3° São direitos da pessoa com Transtorno do Espectro Autista:

- a) O diagnóstico precoce, ainda que não definitivo;
- b) O atendimento multiprofissional;
- c) A nutrição adequada e a terapia nutricional;
- d) Os medicamentos;
- e) Informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento;

Ainda assim, sabemos que é pouco, considerando as demandas que tendem a crescer diariamente conforme mostra a taxa de prevalência. Ainda é pouco, conforme podemos observar rotineiramente o descaso em que crianças e adolescentes são submetidos nos espaços sociais. Pouco perante ao que se espera do Poder público Federal, corrigindo os erros do passado que dificultaram ainda mais o desenvolvimento das pessoas com espectro (CUNHA, 2019).

A informação e o conhecimento é o que nos leva a crer em um futuro próspero para aqueles que por muito tempo se encontraram as margens da sociedade. A Lei de Diretrizes e bases da Educação (LDB) por meio do decreto n° 9.394 concedido em 20 de dezembro de 1996 por meio dos artigos 58°, 59° e 60° buscam garantir a permanência desses estudantes em escola

de ensino regular de ensino, além de proporcionar uma educação que busque estimular seu desenvolvimento integral.

O art. 58 por meio do §1º afirma que sempre que necessário haverá um acompanhamento de ensino especializado para promover a socialização e o intermédio das atividades propostas pelos professores bem como ajudar na socialização com os demais estudantes. Isso pode ocorrer principalmente em casos de alunos com autismo de grau severo, pois possuem uma dependência para realizar atividades diárias. Por meio de exercícios de treino constante, irão adquirir habilidades que podem leva-los à uma autonomia futura em atividades diárias de sua rotina pessoal, como usar o banheiro, beber água, se vestir, entre outros.

O próximo artigo se caracteriza pela formação e capacitação dos professores para atender seus alunados com deficiência. Art. 59 por meio do §3, busca capacitar os professores para a realização de atividades adaptadas, conviver com o aluno e intermediar o processo de ensino e aprendizagem. Embora o artigo anterior disponibilize um acompanhante de classe, isso não retira do professor a sua responsabilidade e compromisso de desenvolver metodologias que estimulem o desenvolvimento do sujeito. Devem sempre agir em sintonia, como um time de futebol, que depende de todos os envolvidos para alcançar os resultados que almejam no decorrer da partida.

O artigo 60 estabelece normas e critérios para instituições privadas que não tem fins lucrativos, por meio de um único parágrafo assegura que o poder público vai ampliar a assistência ao atendimento de alunos com necessidades específicas. Por exemplo, salas de recursos e oficinas para estimular as maiores dificuldades dos alunos com necessidades específicas.

Conforme enfatizado por Cunha (2019), “a prática escolar é uma grande oportunidade para profissionais e familiares construir um repertório com ações inclusivas”. Levando em consideração que esses alunos frequentam as nossas escolas, podemos contribuir de forma significativa para o seu crescimento, elevando suas potencialidades e diminuindo seus déficits sociais e cognitivos. A escola, em comum acordo com as famílias e profissionais que podem acompanhar as crianças em atividades extras, podem são capazes de plantar as sementes e colher bons frutos com a integração e cooperação de todos os envolvidos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de inclusão de uma criança com autismo no ambiente escolar nos demanda uma compreensão acerca de suas características sociais, cognitivas de comunicação, e como

vamos estimular para alcançarmos os resultados esperados. O afeto é a porta de entrada para proporcionarmos uma educação libertadora, rompendo os paradigmas dos rótulos tradicionais e efetivando uma aprendizagem significativa.

Os jogos cooperativos e esportes coletivos são importantes para o desenvolvimento de crianças com autismo pois proporcionam uma experiência importante. Através de seu contexto, propiciando um ambiente social de interação entre pares, estimulando a comunicação e realizando parte da dinâmica das atividades, as crianças com autismo certamente estarão sendo incluídas. Observando as atividades junto com os demais irão desenvolver autoestima e confiança o que irá refletir de forma significativa em seu processo de aprendizagem e aquisição de novas habilidades.

Promover estratégias de ensino que proporcionem um ambiente agradável, o relacionamento com seus amigos, bem como as trocas de informações verbais e corporais no decorrer dos exercícios podem evidenciar como está ocorrendo o desenvolvimento. As estratégias de jogo podem ser transferidas para estratégias de ensino, contribuindo para a compreensão dos recursos didáticos em sala de aula.

Desse modo, os jogos e esportes destacados no presente artigo podem favorecer para o desenvolvimento das habilidades sociais em crianças com autismo, que posteriormente tendem a favorecer o estímulo e desenvolvimento em áreas de comunicação e aprendizagem. A partir do planejamento e conhecimento acerca do aluno, os resultados certamente irão acontecer de forma significativa, natural e prazerosa para os envolvidos no contexto.

As atividades em cooperação e atividades coletivas quando adaptados de forma eficiente e planejadas para atender as necessidades de crianças com autismo. Favorecendo para o processo de inserção das crianças não somente no contexto escolar, quanto fora da escola, sendo fundamental para combater o processo de exclusão.

Alves (2016) nos remete ao cenário em que as estratégias de ensino sejam conservadas com base na razão, imaginação, colaboração e por todas as pessoas de maneira multidimensional e multirreferencial, fazendo a sua participação interativa e completando para o conjunto da obra. O fazendo sentir parte do ser coletivo que completa o grupo por meio de sua singularidade e diferença.

A escola é um espaço que deve acolher não somente aos alunos, como também as famílias, servir de orientação para que o trabalho realizado na escola, ultrapassem seus muros, favorecendo o processo de inclusão nos mais diversos espaços. A escola é passageira, mas as suas contribuições são eternizadas na vida daqueles que são influenciados pelos seus

aprendentes e aprendizes. “Professores dedicados, que não se negam a ter desafios, são imperativos para os pais” (CUNHA, 2019).

É essencial que dia após dia possamos despertar em nossos alunos o interesse pelo conhecimento e possam respeitar e valorizar as diferenças que frequentemente vão se deparar na sociedade.

A escola é um lugar apropriado para qualquer aluno desenvolver suas habilidades e superar seus limites. É um rico espaço que possibilita o aprendizado por meio da interação e do interesse (CUNHA, 2019, p. 113).

Aproveitar esse espaço é fazer um diálogo com o mundo externo, compreendendo que a partir das atividades diárias, poderemos contribuir para uma sociedade igualitária, derrubando os muros que foram cercados com preconceito e intolerância ao longo de todos esses anos, que ainda hoje tem reflexo no contexto social atual.

Alves (2016) diz que não podemos rejeitar a beleza que se caracteriza através das diferenças dos sujeitos. O mundo em que se é observado pelas diferentes dimensões de viver a vida e ver o mundo, nos possibilita viver com amor, solidariedade, cooperação e crescimento a partir das diferenças que nos fazem únicos em um universo tão vasto.

No mais, referindo-se aos jogos cooperativos e esportes coletivos, além das características das crianças com autismo são bem vastos quanto as suas peculiaridades e dimensões, não cabendo conceitos já estabelecidos e concretizados. Os frutos desta colheita só serão colhidos a partir de um olhar individual perante o sujeito, respeitando suas características e a atuação de profissionais dedicados e preparados a realizar o contato com as crianças.

4 REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Dolores Fortes. ALVES, M. D. F. ALVES. **Favorecendo a inclusão pelos caminhos do coração: complexidade, pensamento eco-sistêmico e transdisciplinaridade.** Rio de Janeiro, WAK, 2009.

ALVES, Maria Dolores Fortes. ALVES, M. D. F. ALVES. **Práticas de aprendizagem integradoras e inclusivas: autoconhecimento e motivação.** Rio de Janeiro, WAK, 2016.

AYVAZO, S. **Assessment of Classwide Peer Tutoring for Students with Autism as an Inclusion Strategy in Physical Education.** *PALAESTRA*, v. 2 (1), p. 5-7, 2010.

BLOCKUS, G.R. A special goal: Local Top Soccer program gives autistic children a chance to participate in sports. **Morning Call**, C1, Apr 30, 2007, Tribune Publishing Company LLC, Allentown, PA.

BORBA, Andreilcy Alvino; MATA-LIMA, Herlander. **Exclusão e inclusão social nas sociedades modernas: um olhar sobre a situação em Portugal e na União Europeia.** *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 106, p. 219-240, abr./jun. 2011.

BRITES, Luciana. **Mentes únicas/** Luciana Brites, Clay Brites – São Paulo: Editora Gente, 2019.

BROTTO, F. O. **Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência.** Santos, SP: projeto cooperação, 2001.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96.** Brasília: 1996. Acesso em: 27 de julho de 2020.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn2.pdf>. Acesso em: 27 de julho de 2020.

BRASIL, **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.** Lei nº 12.764, Brasília, 27 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/infanciahome_c/diversos_r/d_jegislacao_diversos/Federal_Diversos/Lei%2012764-12> Acesso em: 27 de julho de 2020.

CHARKE, K. Benefits of child's play unexpected: Team sport is made accessible for kids who have autism. **Nanaimo Daily News**, A5, 18 mar 2009.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.** -8. ed. – Rio de Janeiro: wak Ed., 2019.

CUNHA, Eugênio. **Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade** -7. ed. – Rio de Janeiro: wak Ed., 2018.

CUNHA, Eugênio. **Afeto e aprendizagem: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica diversidade.** -4. ed. – Rio de Janeiro: wak Ed., 2017.

CUNHA, Eugênio. **Educação na família e na escola: tecnologias, inclusão e ensino; prefácio Marta relvas.** Rio de Janeiro: wak Ed., 2019.

DOMINGUES, Ivan. **Epistemologia das Ciências Humanas. Tomo 1: Positivismo e Hermenêutica**. São Paulo: Loyola, 2004.

E-DOCENTE. **O uso dos jogos cooperativos no ensino**. 12 de nov. de 2019. Disponível em: <https://edocente.com.br/jogos-cooperativos-no-ensino/>. Acesso em: 28 de julho de 2020.

ESPIRITO SANTO, A. **Delineamentos da pesquisa científica**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

GADIA, C.A.; Tuchman, R.; Rotta, N.T. **Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento**. **Jornal de Pediatria**, v. 80, n.2, 2004.

GHEDIN, Evandro e FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Novos sentidos para a ciência**. Questões de método na construção da pesquisa em educação. 2ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. -4ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2002.

GODOY, A. S. **pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. São Paulo, v.35, n.3, p, 20-29 1995.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MASSION, J. Sport et autism. **Science & Sports**, v. 21, p. 243-248, 2006.

NÉRICI, Imédeo Giusepe. **Didática uma introdução**. São Paulo: Atlas, 1988.

ORLICK, T. **Vencendo a competição**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagens e representação**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1998.

PIAGET, Jean (1990.) **A Formação do Símbolo na criança**. Editora: Livros técnicos e Científicos.

PIAGET, J. **Epistemologia Genética. Tradução de Os Pensadores**. Abril Cultural, 1970.

PILETTI, Claudino. **Didática geral**. São Paulo: Ática, 1990.

VERONESE, Marília Veríssimo; GUARESCHI, Pedrinho Arcides. **Hermenêutica de profundidade na pesquisa social**. Rio Grande do Sul: UNISINOS-RS, p. 86-92, maio/ago. 2006, UNISINOS-RS.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, L. S: **aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio histórico**. São Paulo, Scipione 1993.

WALLON, Henri. **Evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.